



## Contribuições da linguagem dos webdocumentários para o webjornalismo audiovisual<sup>1</sup>

Cárlida EMERIM<sup>2</sup>

Beatriz CAVENAGHI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### Resumo

A maioria dos estudiosos da mídia está convencida de que a Internet traz diversas mudanças para os modos de fazer e consumir televisão, mas não acaba com ela. Acreditando na coexistência das duas mídias, o presente artigo procura compreender o processo de apropriação do ambiente web pelos telejornais e visualizar um formato de notícia adaptada às potencialidades oferecidas na Internet. Para tanto, toma-se como objeto de análise as características e peculiaridades presentes em quatro webdocumentários para verificar as potencialidades que poderiam ser utilizadas e/ou adaptadas em produções webjornalísticas audiovisuais.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Webjornalismo; Telejornalismo; Webdocumentário; Convergência.

### 1. Sobre o tema

Uma simples observação da história permite afirmar que todas as grandes transformações nos meios de comunicação traziam consigo uma novidade, uma nova possibilidade que não existia nos meios disponíveis até então. Em verdade, muitas delas apenas apareceram, mas não se estabeleceram. Outras, não só estabeleceram-se como propuseram novas concepções e foram, paulatinamente, modificando a atuação e a concepção em diferentes aspectos da sociedade. É o que Tourinho (2000) aponta como *quebra de paradigma* ou *inovação*.

Embora seja comum afirmar que a internet está sendo propulsora de uma grande revolução, muitos de seus efeitos ou quebra de paradigmas ainda carecem de mais estudos e aprofundamento. Até porque, esse *meta-meio* (LACALLE, 2010) é o único capaz de reunir em si todos os outros meios existentes e, ao mesmo tempo, copiar, transpor ou prospectar. Pela natureza de seu sistema e suporte tecnológico, somente a internet conseguiu agregar o impresso, a rádio, as emissoras de TV e as outras formas

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 4 Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq), [carlidaufsc@gmail.com](mailto:carlidaufsc@gmail.com).

<sup>3</sup> Jornalista, Mestranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina; integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq); email: [cavenaghi.bea@gmail.com](mailto:cavenaghi.bea@gmail.com)



comunicativas como as *charlas* comuns de inúmeros seres anônimos que sem a internet nunca teriam tido voz nem vez na sociedade midiática mais tradicional.

Não por acaso, passou a ser interesse para as mídias produzidas de forma tradicional, ou seja, dentro dos paradigmas estabelecidos, a figurar neste ambiente que parece tão rico, democrático e agregador. Além da apropriação da web pelas mídias tradicionais, a internet também provocou um embaralhamento nas fronteiras, até então bem definidas, entre os demais meios. Surgiram rádios online, jogos interativos na televisão, programas de TV produzidos por jornais impressos, incontáveis possibilidades de colisões que fizeram nascer uma nova cultura: a da convergência (JENKINS, 2009). Nesse novo contexto, uma mídia é constantemente influenciada pelas demais, gerando uma maneira cada vez mais complexa de produzir e consumir informação.

O modelo tradicional de circulação da informação *de um para muitos*, dá lugar ao modelo de *muitos para muitos* (SCOLARI, 2008). Os conteúdos se tornam multimídia, a estrutura narrativa se fragmenta em hipertextos e o usuário (antes leitor, ouvinte, telespectador) ganha novas funções no processo comunicativo: “*o usuário é a mensagem*”, resumiu Scolari parafraseando a frase clássica de McLuhan<sup>4</sup>:

Nos encontramos frente a una ruptura de las categorías que fundaban el proceso cultural y ante um desplazamiento desde el consumo a la producción comunicacional. Al participar en el control de los contenidos, el usuario de los medios interactivos termina por convertirse en parte de ese contenido. (SCOLARI, 2008, p. 98)

Talvez o impacto da cultura da convergência seja ainda maior para a televisão. Antes da revolução da Internet, que transformou todos os meios de comunicação em bits (NEGROPONTE, 1995), ela era a única que nunca tinha sido ameaçada pelo surgimento de outro concorrente. Os meios impressos sobreviveram à ameaça causada pelo rádio; esse também superou o surgimento da tevê, que deve seguir o mesmo caminho de superação. A maioria dos estudiosos da mídia está convencida de que a Internet traz diversas mudanças para os modos de fazer e consumir televisão, mas não acaba com ela. Mas, para quem trabalha no mercado de tevê aberta, a perspectiva é outra. Constantemente em entrevistas na própria mídia sobre os rumos da televisão, muitos gestores e até mesmo profissionais cuja história se confunde com a da própria

---

<sup>4</sup> Em alusão à obra *O meio é a mensagem*, publicada em 1967 por Marshall McLuhan em co-autoria com Quentin Fiore.



televisão no Brasil chegam a prospectar a sua derrocada frente à Internet, ou, a web.

Porém, é exatamente na direção contrária que caminha o presente artigo. Muito mais do que prospectar os novos rumos da televisão ou a sua tela final frente à concorrência da Internet, a coexistência atual implica a uma atitude rápida de pensar sobre este contexto. E, acreditando que se terá espaço para tudo e para todos, uma questão importante a que o artigo se propõe enfrentar é o exame de como se dará a relação entre elas. Quais características serão mantidas, reconfiguradas e/ou reinventadas em cada um dos formatos possíveis?

Para o campo televisivo, ou do telejornalismo, principalmente daquele produzido e exibido pela televisão, duas preocupações estão em ênfase: 1) manter as características fundantes da notícia na tevê sem deixar de lado as novas possibilidades que surgem com a virtualização (EMERIM, 2011) ou 2) adaptar e reconfigurar a informação televisiva para o ambiente web, aproveitando as ferramentas próprias deste meio. Com o processo em curso, as linguagens do telejornal e do webjornalismo audiovisual já sofrem influências mútuas (BECKER e MATEUS, 2010) e, na esteira destas perspectivas, o presente artigo se agrega e propõe avançar em reflexões no intuito de analisar as possibilidades oferecidas pelas ferramentas web para o desenvolvimento de um formato de telejornal específico para esse meio, partindo de um modelo ou formato definido ou pré-definido de webtelejornalismo.

Para dar conta desta proposta, empreendeu-se um percurso metodológico que previu quatro etapas bem distintas, mas, concomitantes umas as outras: 1) recuperou-se na bibliografia existente e também na web as referências mais conceituais sobre o tema e a intersecção entre o telejornalismo e o webtelejornalismo, principalmente, aquela pautada num formato que tem se popularizado e surpreendido pelas formas expressivas de que se utiliza: os webdocumentários; 2) realizou-se uma análise de caráter empírico-dedutiva, tendo como objeto de investigação quatro webdocumentários: *Out my window* (Canadá, 2010), *Prison Valley* (França, 2010), *Beyond 9/11* (EUA, 2011) e *Rio de Janeiro Autorretrato* (Brasil, 2011); cujo objetivo foi o de observar, nestes materiais produzidos exclusivamente para o ambiente web, características, peculiaridades e ferramentas de interação com o usuário; 3) a partir destes resultados, relacionou-se com algumas das características do formato telejornalístico tradicional, com base em manuais de telejornalismo (PATERNOSTRO: 1987; SQUIRRA: 1993; JESPER: 1998) e, por fim, 4) empreendeu-se uma análise sobre as relações entre o telejornalismo e os webdocumentários.



É importante ressaltar que o objetivo do presente trabalho não é o de abordar, com mais vagar, as imposições da web sobre os formatos da produção televisiva<sup>5</sup>, mas verificar o que pode ser diferente num material pensado e produzido exclusivamente para a web no âmbito do telejornal.

Cabe aqui retomar uma questão essencial que se refere aos conceitos norteadores deste trabalho. O termo a ser utilizado para tratar da produção audiovisual na Internet não é um consenso entre pesquisadores da área. Neste trabalho, optou-se pela adoção do conceito de **webjornalismo audiovisual** (NOGUEIRA: 2005; TEIXEIRA: 2011) já que este afasta qualquer ambiguidade relacionada aos produtos característicos da televisão. Conforme já destacou Cárilda Emerim (2011) “*ao dividir a palavra telejornalismo pode-se apreender que tele deriva de televisão e jornalismo é a prática de produção de notícias, logo, jornalismo produzido para ser exibido na televisão*”. Mesmo assim, considera-se que o mesmo tema é abordado por outros pesquisadores que preferem termos como **telejornalismo online** (BRASIL: 2002) ou **webtelejornalismo** (RENAULT: 2011).

## 2. Os telejornais no ambiente web

Os produtos televisivos não ficam de fora do contexto de convergência midiática. Os principais canais de televisão brasileiros buscam atualmente na Internet um novo espaço para divulgar seus conteúdos e chamar a atenção para a grade de programação tradicional. Ao mesmo tempo, iniciativas pioneiras, nascidas na web, buscam ocupar um espaço até então restrito às emissoras de TV: o espaço da produção e circulação de conteúdos audiovisuais. As formas como os telejornais tradicionais e as experiências pioneiras vão, aos poucos, se apropriando do ciberespaço variam, assim como são variadas as categorias já desenvolvidas para analisar o processo de convergência entre televisão e *web*.

Uma das categorizações que tratam especificamente dos sites dedicados ao webtelejornalismo<sup>6</sup> foi feita por Letícia Renault (2011). A autora classifica os sites em três categorias, de acordo com o meio que lhes deu origem. Os **sites de transposição** são os que têm origem em um meio de comunicação audiovisual. A exemplo dos sites do *Jornal Nacional* e do *Jornal da Band*, que servem como disseminadores, na web, dos

---

<sup>5</sup> Abordagem neste sentido pode ser encontrada no trabalho de Silva e Rocha (2009).

<sup>6</sup> Apesar da preferência pelo termo webjornalismo audiovisual, conforme destacado no tópico anterior, optou-se por manter, aqui, o termo utilizado pela autora.



conteúdos produzidos na linguagem televisiva, para exibição na tevê. Os sites de transposição oferecem ao conteúdo televisivo um novo ambiente, onde passam a conviver com formas narrativas diversas, como textos, fotografias e gráficos. A segunda categoria proposta pela autora contempla os **sites híbridos**: “*aqueles que não têm uma natureza originalmente audiovisual, mas vão adquiri-la à medida que passam a desfrutar do ciberespaço*” (2011, n.p.). Nesta categoria, enquadram-se sites produzidos por veículos impressos como a *TV Folha*, do jornal *Folha de São Paulo* e a *TV Estadão*, do jornal *O Estado de São Paulo*. Os sites que não possuem antecessores ou correspondentes em versões analógicas são **nativos**: sites desenvolvidos especificamente para o ambiente *web*. Renault utiliza como exemplo o site da fotógrafa americana Sandy Skoglund<sup>7</sup>, que não tem correspondência com um site jornalístico, mas apresenta aspectos considerados por Renault como características dos sites nativos: interatividade e multimídia.

Partindo desta compreensão, ou seja, o meio de origem dos sites, é possível considerar que produtos como a *AllTV* ou algumas TV's universitárias<sup>8</sup> se enquadram na categoria de sites nativos, pois já nascem no ambiente *web*, sem correspondentes em outros meios. Porém, mesmo esses, ainda reproduzem o formato tradicional do jornalismo feito para televisão: *Os telejornais mais tradicionais e as notícias televisivas seguem sendo retransmitidos para outros suportes na web com a mesma configuração discursiva que os estruturou para um modo específico de exibição e recepção na televisão aberta*” (EMERIM:2011, n.p.).

Independente da origem (na televisão, na internet ou em outros meios), os sites que disponibilizam material jornalístico audiovisual têm uma característica em comum: a fragmentação do conteúdo. A internet quebra a linearidade até então proposta pelo cinema e pela televisão e apresenta uma nova maneira de acesso ao conteúdo audiovisual. Mesmo nos sites de transposição, o telejornal é dividido em pedaços e o internauta pode acessar cada matéria independente das outras que formavam o todo do programa na tevê. Nos sites nativos, como o *AllTV*, há uma programação ao vivo, linear, mas é possível também acessar cada um dos programas exibidos a qualquer momento. Essa “quebra” do tradicional espelho do telejornal, que o transforma em pequenos fragmentos soltos é o que Leila Nogueira chama de *Mosaicos de Notícias Digitais*:

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.sandyskoglund.com/>

<sup>8</sup> Como, por exemplo, a *TV UERJ On-line* (<http://www.tvuerj.com.br/>) e o *TJ UFRJ* (<http://www.tj.ufrj.br/>)



É como se fragmentássemos a tabela de notícias elaborada pelo editor-chefe e fizéssemos o conteúdo de cada linha virar uma pedra do mosaico. Ou seja, cada matéria que comporia o espelho, agora recebe um título e um subtítulo. Em seguida, é disponibilizada na tela separadamente e associada a uma imagem (foto) referente ao assunto. Tanto a imagem quanto o título e o subtítulo são links que vão levar o usuário à reportagem audiovisual e ao seu respectivo texto com hipertextos (NOGUEIRA, 2003, p.7)

A autora define, também, três fases em que se divide o webjornalismo audiovisual. Ao contrário das categorias propostas por Renault, estas fases não consideram a origem do site, mas seu grau de aproveitamento das ferramentas oferecidas pela web: multimídia, hipertextualidade, memória, interatividade e personalização. A primeira fase é a **contemplativa**, que agrega os sites cujo objetivo é divulgar as edições dos telejornais já exibidos na televisão. Nesse tipo de site, as possibilidades durante o acesso são restritas ao ato de assistir: não é possível pesquisar edições anteriores nem assistir ao programa ao vivo e o site não oferece conteúdo exclusivo para a internet (NOGUEIRA: 2005). Os sites que se encontram na segunda fase, a **participativa**, promovem mais envolvimento do usuário, permitindo acesso aos bancos de dados, ferramentas de busca, enquetes, fóruns, chats e envio de matérias por e-mail. A terceira geração do webjornalismo audiovisual é a que tem maior relevância para os objetivos do presente artigo: são os sites de característica **construtiva**, que apresentam possibilidades de novas linguagens e novas ferramentas para o ambiente web:

A ordem de exibição das reportagens selecionadas poderia ser definida pelo usuário e alterada a qualquer momento. Existiria também a possibilidade de armazenamento da sequência para uma exibição posterior caso fosse necessário interromper a reprodução (NOGUEIRA, 2005, p. 36)

Atualmente, pode-se apontar como exemplo da terceira geração do webjornalismo audiovisual o site da televisão francesa TV5<sup>9</sup>, que oferece o serviço *Ma Selection*, onde o usuário pode se cadastrar e criar uma lista de vídeos favoritos. Os vídeos ficam armazenados para visualização conforme a preferência do usuário, que pode também avaliar o produto (através de um *ranking* de uma a cinco estrelas) ou divulgar sua lista de vídeos através de redes sociais como *Twitter* e *Facebook*.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.tv5mondeplus.com>



É necessário destacar que mesmo os sites da terceira geração, com ferramentas que possibilitam a participação do usuário na montagem da sequência das notícias, ainda continuam utilizando a linguagem característica do telejornal na televisão. Apesar da fragmentação dos programas, que se transformam num “mosaico” formado por pequenos pedaços (blocos ou matérias), a estrutura interna de cada um desses fragmentos segue no formato tradicional da notícia televisiva. Diante do exposto, quais seriam, então, as possibilidades criadas a partir de uma quarta geração do webjornalismo audiovisual, uma fase onde a notícia televisiva cedesse espaço para um formato de notícia produzido para o ambiente *web*? O tópico a seguir busca, na linguagem dos webdocumentários, as ferramentas e características que possibilitariam esse novo formato de conteúdo webjornalístico audiovisual.

### 3. Buscando pistas nos Webdocumentários

Os documentaristas inseridos no ambiente web consideram que esta é “*uma nova forma de contar histórias pela Internet tendo como ponto de partida a mistura de diferentes formatos: textos, áudios, vídeos, fotos, ilustrações e animações*”<sup>10</sup>. A **multimídia** é a primeira característica comum aos webdocumentários, produtos marcados por uma espécie de atração mútua entre os documentários e as mídias digitais:

(...) o gênero documentário oferece uma variedade de modalidades em representar a realidade e mídia digital oferece o novo modo de navegação e interação. (...) Este cenário trouxe o surgimento de diferentes formatos e a constituição de novos gêneros, como é o caso do documentário de multimídia interativa<sup>11</sup> (GIFREU, 2011, tradução nossa)

Os webdocumentários vêm ganhando espaço nos últimos anos graças ao avanço da Internet banda larga (que facilita o acesso aos produtos) e ao desenvolvimento de plataformas cada vez mais complexas para elaboração deste tipo de produto. Em 2009 o Festival Internacional de Fotojornalismo *Visa pour l'Image*<sup>12</sup> incluiu em suas premiações anuais uma categoria destinada a premiar webdocumentários. O *International Documentary Film Festival Amsterdam* - IDFA também criou, em 2010, o Festival *DocLab*: uma categoria específica para mostrar e premiar webdocumentários

---

<sup>10</sup> Descrição encontrada no site <http://webdocumentario.com.br/>

<sup>11</sup> (...) *the documentary genre provides a variety of modalities in representing reality, and digital media provided the new mode of browsing and interaction. (...) This scenario has brought the emergence of different formats and the constitution of new genres, as is the case of the interactive multimedia documentary.*

<sup>12</sup> O Festival é realizado anualmente, em Perpignan, na França.

e outras formas de narrativa digital que expandem o gênero documentário para além do cinema linear<sup>13</sup>. A discussão a respeito de suas potencialidades, porém, começou há mais de dez anos. O site francês *webdocu.fr*, que discute temas relacionados a multimídia e interatividade, contém textos publicados desde 2001 sobre experiências com webdocumentários. Beatriz Ribas publicou, em 2003, uma tentativa de conceito para o tema a partir de um projeto experimental realizado na Universidade Federal da Bahia - UFBA<sup>14</sup>.

A construção das páginas através de micronarrativas organiza a informação de maneira fragmentada, mas articulada dentro da totalidade do documentário, oferecendo níveis de aprofundamento e integrando formatos distintos. Tanto entrevistas em texto, como em áudio e vídeo, podem ser divididas por assunto e reorganizadas, tendo em vista a fácil movimentação do usuário na busca por informações (RIBAS, 2003, p. 108)

A **fragmentação da narrativa**, citada pela autora, é outra característica importante nos webdocumentários. Em *Beyond 9/11*, produzido em 2011 pela revista *Time* em parceria com a *HBO*<sup>15</sup>, é possível observar como esta fragmentação se configura. Ao acessar o site, o usuário se depara com uma série de micronarrativas depoimentos de pessoas envolvidas com a história do ataque às Torres Gêmeas de Nova York e não há uma indicação de começo, meio ou fim, pois é o internauta quem vai decidir por onde começar e qual o caminho a percorrer.

Figura 1



Figura 2



Ao clicar no link escolhido, é possível assistir aos depoimentos editados, que têm em média cinco minutos. Há, também, uma sugestão de vídeos de “pessoas

<sup>13</sup> Informações disponíveis no site do evento: <http://www.doclab.org/>

<sup>14</sup> O trabalho *Maracangalha.com*, um web documentário sobre uma vila do recôncavo baiano é descrito no artigo, porém o site não encontra-se mais disponível para acesso.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.time.com/time/beyond911/#>

relacionadas” que orienta as próximas escolhas a serem feitas, mas é o usuário quem vai definir, através dos links nos quais clicar, os caminhos a serem percorridos e os conteúdos a serem acessados. A construção da narrativa do webdocumentário, conforme destaca Ribas (2003), **depende das escolhas do usuário**: “*Através do hipertexto, o autor constrói as micronarrativas, fazendo associações entre dados e permitindo que o usuário trace o caminho que for mais conveniente a seus interesses*” (p.108). A íntegra dos depoimentos (sem os cortes feitos na edição) está disponível em texto. O site traz, ainda, um link onde o usuário é convidado a enviar suas próprias fotos e vídeos para complementar o material histórico sobre os ataques de 11 de setembro.

As ferramentas disponibilizadas em *Out my window*<sup>16</sup>, webdocumentário canadense vencedor do Festival *DocLab* em 2010, também ressaltam essa característica de colaboração **do usuário na construção do conteúdo**. O trabalho aborda as consequências da urbanização através de histórias de 13 personagens que vivem em prédios de 13 grandes cidades do mundo. O usuário pode contribuir com a narrativa, enviando fotos e comentários que demonstrem o que é possível ver a partir da janela da sua própria casa. Dessa forma, há uma constante atualização que cria, aos poucos, uma **memória audiovisual** sobre o assunto em questão. A página inicial de *Out my window* representa um prédio com 13 janelas (conforme figura 3) e, clicando em cada uma delas, tem-se acesso a um mosaico de fotos que, dispostas numa visão panorâmica em 360°, revelam o ambiente da casa. Neste ambiente estão os links para micronarrativas que vão contar a história do personagem. Os vídeos são construídos a partir do áudio dos depoimentos ilustrados com fotografias. Trechos do depoimento são destacados em textos que aparecem na tela (figura 4).

Figura 3



Figura 4



<sup>16</sup> Disponível em: <http://interactive.nfb.ca/#/outmywindow>

O webdocumentário brasileiro *Rio de Janeiro – Autorretrato*<sup>17</sup>, vencedor da 33ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos na categoria internet, também constrói sua narrativa a partir de depoimentos ilustrados com fotografias (figura 5). Este trabalho ainda traz uma versão escrita de todas as sonoras utilizadas e oferece opções de interatividade via redes sociais. É possível divulgar, compartilhar ou fazer comentários sobre o material via, principalmente, *Twitter* e *Facebook* (conforme detalhe no canto esquerdo da figura 6).

Figura 5



Figura 6



**Conteúdo multimídia, narrativa fragmentada, participação ativa e colaboração do usuário e integração com as redes sociais** são características presentes em todos os trabalhos analisados. A elas, acrescenta-se, ainda, uma última: **personalização do conteúdo**. A personalização é facilmente identificada no webdocumentário *Prison Valley*, ganhador do prêmio de melhor webdocumentário no *Visa pour l'Image* 2010. A proposta do trabalho é oferecer ao usuário a oportunidade de conhecer uma região dos Estados Unidos cuja economia gira em torno de 13 prisões privadas instaladas ali. Após um vídeo de apresentação (que representa o olhar de quem chega à cidade) o usuário é convidado a registrar-se em um hotel e, logo após, recebe um quarto (conforme figura 7). Os objetos do quarto são as ferramentas de interação com o webdocumentário: o computador dá acesso ao fórum para discussão com outros usuários cadastrados; sobre a cama ficam fotos e documentos arrecadados durante o passeio pela cidade; o caderno sobre o criado-mudo mostra anotações a respeito dos personagens que vivem na cidade. Há também um mapa (figura 8) que mostra os locais da cidade já visitados, a partir dos vídeos com os quais o usuário já teve acesso. É possível “sair da cidade” e voltar de acordo com o desejo do internauta, que mantém suas informações salvas para acessos posteriores.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/>

Figura 7



Figura 8



Tais características e peculiaridades, destacadas em cada um dos webdocumentários, devem ser consideradas exclusivas de cada produto. Conforme o jornalista e webdocumentarista Marcelo Bauer (2010), os webdocumentários são diferentes de reportagens multimídia de sites noticiosos porque são produtos pensados de maneira específica e não em linha de produção. Têm um projeto visual exclusivo, interface própria e roteiro concebido exclusivamente para um único tema. *“Não é, portanto, um portal multimídia, para diferentes assuntos. Mesmo quando um webdocumentário é composto por episódios (...), ele costuma se dedicar a um só tema”*.

Dessa forma, não seria adequado comparar esse tipo de produção com um produto webjornalístico que pretenda dar conta da atualidade dos fatos cotidianos. Também não parece apropriado imaginar que produtos webjornalísticos audiovisuais agreguem tamanha complexidade em suas produções. O objetivo desta análise é observar as potencialidades presentes em webdocumentários e refletir sobre como elas poderiam ser adaptadas no desenvolvimento de um formato característico dos webjornais audiovisuais, conforme se pretende apresentar no tópico a seguir.

#### 4. Possibilidades para o formato webjornalístico audiovisual

O telejornal, em seu formato tradicional, exibido na tevê aberta, é facilmente identificável: o cenário abriga apresentadores que orquestram uma série de elementos, entre eles reportagens, notas e blocos comerciais. Tudo é ordenado em uma sequência lógica que facilita a compreensão do telespectador. A partir do ambiente *web*, porém, é possível desconstruir todo esse modelo.

Alguns autores já têm se preocupado em refletir sobre as conseqüências, para produtores e consumidores de notícias, do desenvolvimento de um novo formato de



telejornalismo mais adaptado às novas mídias<sup>18</sup>. Esses trabalhos contribuem para a avaliação das novas rotinas de produção jornalística que se impõem a partir da mudança da plataforma de exibição. Considerando as proposições desses autores, procurou-se relacionar as características observadas nos webdocumentários com características do formato telejornalístico tradicional, encontradas principalmente nos estudos de Paternostro (1987) Squirra (1993) e Jespers (1998).

O primeiro aspecto a se considerar é a ordem dos elementos do telejornal em uma sequência lógica, crescente e clara (SQUIRRA, 1993). Na televisão, a mensagem é momentânea e “*precisa ser recebida no instante em que é emitida, e captada de uma só vez*” (PATERNOSTRO: 1987, p. 36). Se a lógica da programação televisiva impede que o mesmo material seja visto duas vezes, e por isso a necessidade de uma sequência, na Internet a visualização é irrestrita.

Se leio um artigo, tenho debaixo dos olhos no mesmo instante a totalidade do texto desse artigo. Posso voltar atrás, se não entendi bem algumas palavras, começar a minha leitura pelo último parágrafo, consultar um dicionário sem para tanto perder o fio da informação. A minha percepção é global, simultânea e sinótica. Pelo contrário, quando vejo uma emissão de televisão só entendo algumas palavras e imagens (25 imagens e duas ou três palavras por segundo) no próprio momento em que a informação me chega: a minha percepção é parcelar (JESPERS, 1998, p. 86).

O exemplo de Jespers está em um contexto de comparação entre o jornal impresso e o televisivo, mas serve para demonstrar como as possibilidades de assimilação pelo usuário são expandidas na Internet, em comparação com a tevê. No webjornalismo audiovisual, até mesmo o dicionário citado por Jespers poderia estar embutido corpo da notícia, através de links para outros sites ou em glossários incorporados ao site onde está a notícia, a exemplo das possibilidades multimídia observadas nos webdocumentários.

É a partir da constatação de que os produtos webjornalísticos audiovisuais podem ser vistos e revistos diversas vezes, assim como um texto no jornal impresso, que se pode vislumbrar novas formas de apresentação das notícias. Seria necessário recorrer à estrutura *cabeça – off – sonora – passagem* para disponibilizar notícias na Internet? O formato utilizado no webdocumentário *Beyond 9/11*, por exemplo, demonstra que uma série de sonoras pode contar algo sobre um fato sem o apoio de texto em *off*. Pode-se considerar, por exemplo, que um webjornal audiovisual disponibilize todas as

---

<sup>18</sup> Entre eles, destacam-se Becker e Mateus (2010), Emerim (2011) e Teixeira (2011).



entrevistas coletadas durante a produção de uma matéria para que o usuário as assista isoladamente já que no ambiente web não existem as restrições de tempo impostas pela grade de programação televisiva. O próprio uso das sonoras, entendidas como pequenos trechos escolhidos no todo de uma entrevista, poderá ter sua necessidade questionada nesse novo contexto.

As possibilidades multimídia e o espaço irrestrito de exibição e armazenamento fazem surgir um novo paradigma no que diz respeito ao aprofundamento na abordagem da notícia. O webjornalismo audiovisual tem a possibilidade de superar a superficialidade característica do telejornal televisivo destacado por Paternostro:

O que se denomina timing de TV (ritmo da TV) proporciona uma natureza superficial às suas mensagens – principalmente às de caráter jornalístico. O custo das transmissões, o poder de penetração, compromissos comerciais e a necessidade de “arrebatar” o telespectador não permitem a densidade nas mensagens. (PATERNOSTRO, 1987, p. 37)

Se o tempo e o custo de transmissão deixam de ser restrições, o volume e a diversidade de informações devem aumentar. Não há garantias, porém, de que isso represente mais qualidade na informação, já que a diversidade de fontes não representa, necessariamente, diversidade de vozes e versões sobre um mesmo tema.

Do ponto de vista da recepção, é necessário considerar que a maneira interativa de acessar conteúdos audiovisuais que emerge dos webdocumentários exige uma postura diferente daquela com a qual o telespectador está acostumado. A televisão é cômoda e não exige grandes esforços por parte do telespectador (SQUIRRA, 1993). O webjornal audiovisual, nessa proposta de formato, exigiria escolhas por parte do usuário e algum grau de envolvimento com as informações.

Outros dois aspectos relevantes sobre as possibilidades do webjornalismo audiovisual estão relacionadas com as ferramentas de armazenamento e recuperação de dados. Hoje, a memória dos telejornais brasileiros está guardada nos arquivos e centros de documentação de empresas privadas (BRASIL, 2011). Na Internet, é possível vislumbrar a criação de um arquivo público, com vídeos de informação jornalística facilmente recuperáveis através dos avançados sistemas de busca disponíveis. Além disso, as ferramentas de *web analytics* já desenvolvidas e disponibilizadas gratuitamente<sup>19</sup> permitem que as empresas da *web* conheçam, em certo nível, os gostos e preferências dos usuários e, assim, lhes ofereçam serviços sob medida (PAULINO,

---

<sup>19</sup> Google Analytics, Omniture e Webtrends são alguns exemplos.



2012). O público receptor, sempre tão superficialmente conhecido pelos produtores de televisão, torna-se facilmente revelado aos produtores de webjornalismo audiovisual. É a internet desmassificando a audiência (LACALLE, 2010) e abrindo a possibilidade de personalização da oferta de conteúdos jornalísticos.

## 5. Considerações finais

Ao finalizar o presente artigo é possível compreender que esta primeira relação analítica que se propôs já permitiu a abordagem acerca do desenvolvimento de um formato característico para a divulgação de notícias audiovisuais na internet. As principais possibilidades visualizadas a partir da linguagem dos webdocumentários têm como base uma estrutura não linear, Cada um dos textos poderia ser acessado através de diferentes caminhos, conectados apenas por um cenário, ou pelo ambiente virtual no qual estão postados, e não mais pelo conteúdo.

A figura do espelho do telejornal nos lembra a impossibilidade da televisão aberta de ser democrática (de deixar em aberto os percursos de leitura) ou deixar apenas um programa sendo exibido em tempo integral. Por outro lado, a diversidade que é obrigatória na programação de uma tevê aberta pode ser o seu diferencial perante a proposta libertária da web que, através da fragmentação do conteúdo corre o risco de promover leituras equivocadas e descontextualizadas. Uma contextualização que é exigência de formato nos telejornais da televisão aberta ou, os mais tradicionais. O que nos leva a uma outra questão, qual seja, o como fazer. Mas, quanto a isso, ainda se está experimentando perspectivas que podem vir a ser analisadas na sequência deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Beatriz; MATEUS, Lara. *O melhor telejornal do mundo: um exercício televisual*. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (org) **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010
- BRASIL, Antônio Cláudio. **Telejornalismo, Internet e a guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.
- BRASIL, Antônio Cláudio. *Pelo acesso livre e irrestrito aos arquivos dos telejornais brasileiros*. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Rio de Janeiro. 2011. CD-ROM
- CANNITO, Newton. **A televisão na era digital**. São Paulo: Summus, 2010.



- CROCOMO, Fernando. **TV Digital e produção interativa**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- EMERIM, Cárilda. *A produção do telejornal: da tevê aberta para a web*. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Rio de Janeiro. 2011. CD-ROM
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009
- JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998
- LACALLE, Charo. As novas narrativas de ficção televisiva e a internet. **Revista Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 79-102, jan/jul. 2010.
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NOGUEIRA, Leila. **O webjornalismo audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TV UERJ Online**. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RIBAS, Beatriz. Contribuições para a definição do conceito de web documentário. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (org) **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.
- SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: Elementos para una Teoría de La Comunicación Digital Interactiva**. Barcelona: Gedisa, 2008
- SILVA, Edna de Mello; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e Ciberespaço: convergência de tecnologias e informação. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (org) **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010
- SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TOURINHO, Carlos. **Inovação no telejornalismo**. Vitória: EspaçoLivros, 2009.
- Referências obtidas na Internet:**
- BAUER, Marcelo. **Mas, afinal, o que é webdocumentário?** 2010. Disponível em: <<http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/para-saber-mais/mas-afinal-o-que-e-webdocumentario/>> Acesso em 25 de março de 2012.
- GIFREU, Arnau. **The interactive multimedia documentary as a discourse on interactive non-fiction: for a proposal of the definition and categorisation of the emerging genre**. Hipertext.net, 9, 2011. Disponível em: <<http://www.upf.edu/hipertextnet/en/numero-9/interactive-multimedia.html>> Acesso em: 13 de março de 2012.
- NOGUEIRA, Leila. **Quebrando o espelho: uma análise comparativa do jornalismo nas TV'S UOL E UERJ online**. SBPJor, 2003. Disponível em: <<http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/resumod.php?id=55>> Acesso em: 7 de abril de 2012.
- PAULINO, Rita. **Audiência**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://midiaonline.jor.br/jornalismo/wp-content/uploads/2012/04/audiencia.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2012.
- RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo: o diálogo entre televisão e web a partir do telejornalismo no Brasil**. Confibercom, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/275.pdf>> Acesso em: 2 de abril de 2012.